

EMCAIXA / PROJETO DE ARTES PERFORMATIVAS E DESIGN

Tiago Porteiro

Universidade do Minho, tiagoporteur2@gmail.com

Bernardo Providência

Universidade do Minho, providencia@arquitetura.uminho.pt

SUMÁRIO

EmCaixa é um projeto performativo desenvolvido e apresentado na Cidade de Guimarães (Portugal/2015), promovido pelos cursos de Teatro e de Design da Universidade do Minho e que congregou, de forma colaborativa, alunos e professores das duas referidas Licenciaturas, artistas residentes na cidade, alunos e professores da Academia de Música Valentim Moreira de Sá, população do bairro de Couros, empresas da região e que foi apoiado pela Câmara Municipal de Guimarães.

A singularidade deste projeto, tanto o impulso de promovê-lo como a metodologia utilizada, fazem do *EmCaixa* um *caso de estudo* de integração social por via das artes. Cria-se um modelo de ensino, com pendor social, interventivo, participativo e colaborativo. Os cruzamentos e as intersecções que nele se experimentam situam-se a vários níveis: entre passado e presente; entre a universidade e o território envolvente; entre linguagens artísticas; entre instituições privadas e estatais; e sobretudo entre pessoas (professores e alunos de diferentes disciplinas artísticas, artistas exteriores à escola e população residente no Bairro de Couros - local onde se situam os edifícios da universidade e que albergam os cursos envolvidos).

A preocupação de valorização de cada um dos intervenientes no projeto surge em sintonia com uma cidade/sociedade que proclama e que quer ser construída por e para todos, como Guimarães tem vindo a comprovar.

PALAVRAS-CHAVES – Teatro, Design, Co-criação, Design participativo, Artes Performativas com comunidades

1. ANTECEDENTES E ENQUADRAMENTO DO PROJETO

O papel da Universidade na requalificação do território

No Bairro de Couros, outrora coração industrial da cidade, desenvolveu-se desde tempos medievais até aos finais do séc. XX uma dinâmica industrial de tratamento da pele de animais. As condições insalubres desta atividade, e que criaram uma barreira da cidade com esta zona, só se dissiparam depois do declínio da indústria e no momento em que a autarquia, em parceria com a universidade, desenvolveram ali um ambicioso projeto de requalificação. Para implementar o plano CampUrbis - polo “criativo” da universidade para a zona de Couros - foram criadas infraestruturas como o Instituto de Design que, entre outras funções, alberga hoje a Licenciatura em Design de Produto, e o Centro Avançado de Formação Pós-graduado que, atualmente aloja, entre outros laboratórios, a Licenciatura em Teatro.

Os promotores do *EmCaixa* (os professores dos dois cursos implicados) interrogaram-se, no momento inicial de desenho do projeto, sobre o contributo que poderiam dar ao projeto de requalificação de Couros, nomeadamente na sua vertente de dinamização cultural e relacional. Neste contexto, *EmCaixa*, enquadra-se numa reflexão atualmente existente e que questiona o lugar que as universidades podem ter numa dinâmica de envolvimento e de transformação do território pois procurava-se criar uma ação, ativa e

participativa, um querer intervir naquele espaço, que fosse capaz de promover novas formas de conceber o habitar em Couros.

Ao iniciar este projeto não queríamos fazer tábua rasa do que até aí tinha sido feito. Do despiste realizado foi possível identificar vestígios de alguns projetos artísticos que tiveram lugar em Couros e que envolveram essa comunidade, sobretudo no momento da Capital Europeia da Cultura/2012. *EmCaixa* daria continuidade a essa dinâmica artística com carácter social, agora por livre iniciativa dos pólos da universidade que ali estão localizados.

“Tu fazes parte”

Com a Capital Europeia da Cultura (2012), Guimarães ganhou espaço para se afirmar no âmbito das artes performativas, em particular, a partir da construção de uma cultura de artes com a comunidade. Em 2011, sob o lema “Tu fazes parte”, construía-se um trabalho envolvendo os habitantes de Guimarães e que viria a ser a bandeira para uma integração da população, quer a nível das suas vivências quer no acolhimento mais generalizado da Capital Europeia da Cultura. Este slogan que construía uma identidade, a par do “Coração” que foi o logótipo da capital europeia da cultura que se tornou viral, foi assumido pelos visitantes como a expressão “ex libris” de acolhimento e participação desta cidade (Castro et al. 2013).

No Bairro de Couros foram realizados, entre outros, dois projetos sociais e artísticos onde a população residente foi diretamente envolvida:

- **“Isto é uma praça”** – a convite da Capital Europeia da Cultura a Associação cultural Aprile/Esterni, construiu um cenário de interpretação e intervenção efémera, “uma nova praça”, um palco, uma sala de estar ao ar livre na zona de Couros. Durante 3 semanas, com a participação e sugestões da comunidade local, realizou-se um trabalho coletivo de co-construção de um espaço de interação e de cruzamentos disciplinares. Esse espaço viria a ser uma das salas de acolhimento não só do bairro mas também de toda a cidade, quer para receber atividades performativas, quer para acolher outros eventos como workshops para toda a família ou mesmos ações das festas de S. João.



Imagem 1 Ações do projeto - Isto é uma praça (Patrick Hubmann, 2012).

- **«À Luz do Dia»** – projeto promovido pelo Centro Comunitário *Fraterna* que se inscreveu na ação de promover naquele território a inclusão social. Alguns dos moradores de Couros foram, nos seus espaços, retratados pelo fotógrafo Marcus Garcia Pereira. As fotografias de grande formato que daí resultaram foram expostas no espaço exterior da zona de Couros, o que transformou algumas das suas ruas, muros e ruínas numa galeria de arte a céu aberto.



Imagem 2 Fotografias do projeto “À luz do dia” (Marcus Garcia Pereira, 2012).

2. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO *EMCAIXA*

Fundamentos

No âmbito das Licenciaturas da UM de Teatro e de Design de Produto, abordou-se a cidadania responsável e ativa como matéria de ensino. Considerou-se que para desenvolver essas competências o melhor seria implementar projetos e criação que estabelecessem diálogos com o espaço público e com suas comunidades.

Recentemente têm surgido correntes artísticas que chamam às artes a responsabilidade social de construir modelos de co-produção inclusivos, onde todos (população, artistas, autarquia,...) são chamados a contribuir na valorização individual de cada um (Manzini, E. 2014; Providência, B. 2016). Nesta linha, o artista e o profissional do Design, passam a ter um papel no cumprimento de objetivos sociais, a responsabilidade de construção de um bem-estar humano (Papanek, V. 1984) não como voluntários mas como profissionais que contribuem para o desenvolvimento social e económico (Margolin, V. 2002).

O Design e a criação artística em diálogo com comunidades específicas é umas das áreas da criação contemporânea que, atualmente e entre nós tem tido um grande incremento mas que, pela diversidade dos formatos existentes no terreno, necessita de uma cuidada reflexão crítica. Com o projeto *EmCaixa* procurou-se que os estudantes questionassem os fundamentos da criação artística: Como se justifica a génese do ato artístico? Porque se faz? Com quem se faz? Para quem se faz?

Não se esperava que o projeto pudesse dar respostas simples ou lineares a estas perguntas mas somente pôr os alunos a refletir toda a sua ação a partir dessas questões de base.

Outros aspetos que foram identificados e que influenciaram a forma como se desenhou o projeto *EmCaixa*:

- a localização dos dois cursos num bairro com características específicas como é o caso de Couros induz, na maior partes dos alunos, um comportamento de não inscrição no território, ou seja, constata-se que no seu dia-a-dia estes alunos repetem os seus percursos no bairro (o que os leva e o que os traz da escola) sem nunca verdadeiramente se interessarem por agir naquele espaço e sem nunca desenvolverem o interesse em conhecerem e dialogarem com os seus residentes;

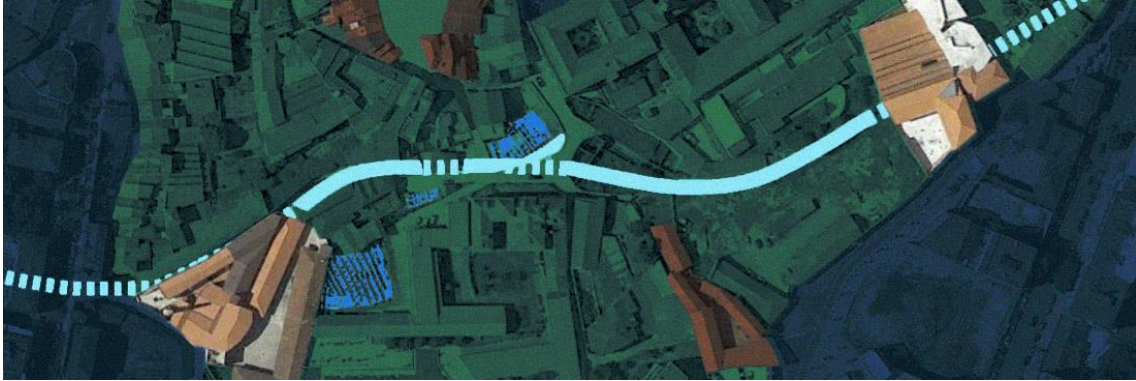


Imagem 3 Implementação dos cursos de Teatro e Design no campus de Couros

a existência de dois pólos da UM em Couros – o de Design e o de Teatro – que apesar de vizinhos não se conhecem, ou seja, as pessoas que frequentam aqueles cursos sabem muito pouco do que uns e outros desenvolvem. Havia portanto de encontrar formas de abrir corredores entre os dois cursos, nomeadamente em termos de cruzamento disciplinar. Sobretudo quando sabemos que um dos apanágios da criação contemporânea é a interdisciplinaridade o que pressupõe a constituição de equipas de trabalho multidisciplinares?

Ao longo do século XX exemplos não nos faltam que nos podem servir de referência, tais como são os casos do projeto da Bauhaus na Alemanha e anos mais tarde nos Estados Unidos o Black Mountain College. Essas referências leva-nos a acreditar que esse cruzamento é possível e que muito fecundo se pode tornar (Goldberg, R. 1988).

Com o *EmCaixa* queríamos provar que, apesar das diferenças disciplinares, é possível encontrar formas de diálogo e de trabalho em conjunto, quanto mais não seja por via da complementaridade de ações aquando da realização de um projeto comum.

Em suma, *EmCaixa* nasceu enquanto gesto pró-ativo que procuraria dar continuidade ao que tinha sido feito, atender ao que se havia programaticamente definido e ao que se havia constatado existir em termos de lacunas a ultrapassar.

Desenho e parcerias

O projeto *EmCaixa*, tanto pelo seu enquadramento como pelos objetivos delineados, não poderia ser senão uma ação experimental com metodologias colaborativas. Com essa atitude não foi difícil encontrar novos parceiros. Comungando dos mesmos valores, 3 artistas que estavam a residir na cidade (um deles uma aluna em intercâmbio Erasmus) associaram-se ao projeto. Inicialmente vieram propor uma oficina onde os alunos aprendessem e colaborassem na construção de uma plateia de teatro que fosse móvel, “andante”. A sua proposta tinha por trás uma estratégia de sustentabilidade e de troca, uma vez que se aperceberam que se tivessem a chancela da universidade conseguiriam muito mais facilmente ter apoios de empresa, para adquirir os materiais que necessitavam. A participação desses artistas (Diana Sá, Maria Hofman e Patrick Hubmann) veio acrescentar ao projeto, não só a possibilidade de docentes e alunos de disciplinas diferentes trabalharem em conjunto com artistas exteriores à escola – com todas as consequências que daí resultam em termos de partilha de formas de pensar e fazer – como também uma dimensão de sustentabilidade, onde foi possível realizar trocas com empresas da região. Algumas dessas empresas fizeram, aos alunos e professores, uma apresentação dos seus produtos no Instituto de Design; a assistir tudo profissionais ou futuros profissionais que poderiam mais tarde vir a divulgar e/ou a utilizar esses produtos.

Esta forma de conceber a produção de um projeto com estas características foi uma valência adicional que se acrescentou ao *EmCaixa*. E assim viabilizou-se um projeto colaborativo com outros meios que de outra forma não teria sido possível ter acesso.

Local de intervenção

Definidas as linhas mestras da ação, o que agora faltava era definir o espaço concreto da intervenção. A unidade curricular da Licenciatura em Teatro onde o projeto foi inicialmente idealizado – Laboratório II/1º ano, 2º semestre – prevê a realização de um exercício “site specific”. Assim, pelas suas características, tanto físicas como humanas, o Largo do Trovador em Couros definiu-se ser o espaço mais apropriado. O Largo, esse espaço social e emblemático do encontro, servia sobremaneira a temática e os objetivos que então tínhamos traçado: criar uma casa-comum num espaço exterior e público. No espaço central desse Largo pretendia-se re-criar a vida interior daquelas casas; como se fosse possível construir a céu aberto uma casa-comum onde o interior se pudesse articular com o público, o privado com o social, o íntimo com o relacional. Que metáfora mais forte se poderia encontrar para promover uma cidadania partilhada?

3. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO - MODELO COLABORATIVO DE ENSINO APRENDIZAGEM

“Ingredientes” para ativar o imaginário

Havia que encontrar algum estímulo para unir o grupo à volta do projeto, ao mesmo tempo que havia que alimentar o imaginário dos diferentes participantes no primeiro dia em que todos se encontraram. Duas referências serviram de mote ao diálogo:

- o momento do documentário *Índios da Meia Praia*, em que os moradores pegam em conjunto numa cabana feita de chapa para implantar num outro local (Nunes 2012). Esta ação não era só fruto de uma atividade coletiva para mobilizar a comunidade para mover cabanas, como também era resultado do projeto SAAL de Lagos que em 1974, envolveu o trabalho de voluntários, tanto arquitetos como técnicos da comunidade local, e que, em conjunto, viriam a construir aqueles bairros (Nascimento 2014).

- as aventuras rocambolescas de *O meu Tio (Mon Oncle, 1958)*, filme realizado e interpretado, entre outros pelo próprio realizador, Jacques Tati, onde se desenvolve uma paródia à vida atribulada no interior de uma casa moderna.



Imagem 4 Início de trabalhos, visualização e discussão do documentário *Índios da Meia Praia* e *O meu Tio*, de Jacques Tati.

Participantes, grupos de trabalho e atributos

70 alunos de Teatro, Design e Música, 3 docentes das respetivas áreas disciplinares, 3 artistas convidados e 5 famílias residentes no Largo do Trovador foram envolvidos no *EmCaixa*. As famílias participantes, que tinham sido previamente contactadas, aceitaram o desafio de abrirem as suas casas para os alunos as poderem observar. Seria a partir daí que toda a dramaturgia do projeto iria desenvolver-se.

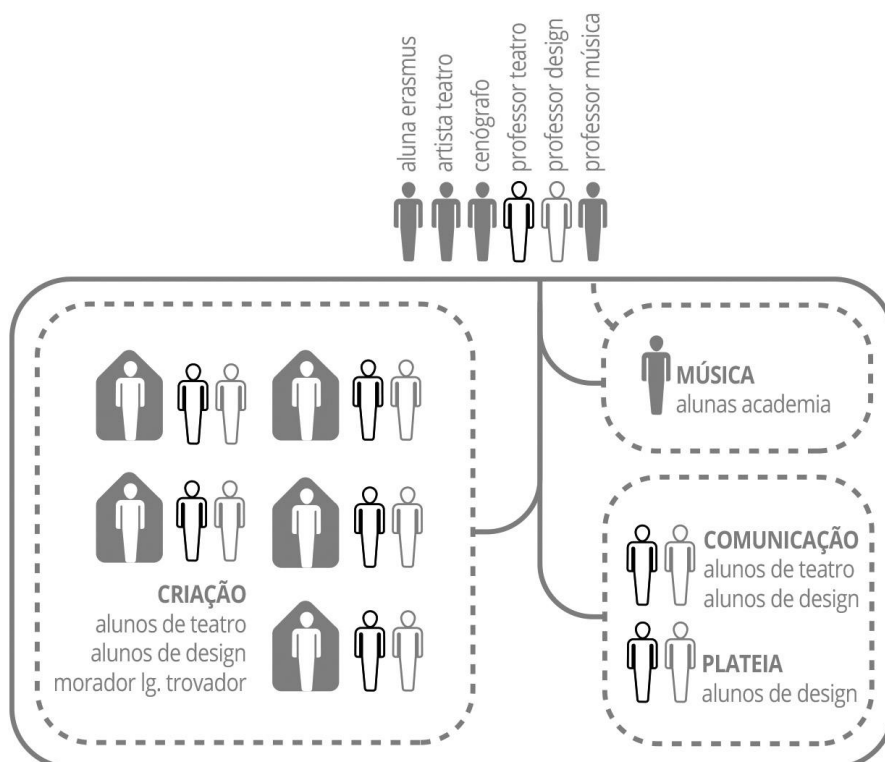


Imagem 5 Modo de organização dos grupos de trabalho

- grupo da **ação performativa** (5 subgrupos) – competia a cada um dos subgrupos criar um “quadro” que seria como uma das partes a integrar no exercício-espetáculo final. Inicialmente, a cada um dos subgrupos foram atribuídas: uma divisão da casa (respetivamente, ou o quarto, ou a sala, ou a cozinha, a casa de banho, ou a sala de jantar); uma mobília condizente com o espaço destinado e que, ao servir de demarcação simbólica dessa mesma divisão, seria a peça de base para se construir a cenografia dessa parte do espetáculo; e no Largo do Trovador uma área de jogo delimitada e específica;
- grupo responsável pela **música** – a quem competia a função de criar peças musicais que, durante o espetáculo, serviriam de ligação entre cada um dos “quadros”. Seria essa articulação que reforçava a dimensão de unidade do exercício-espetáculo final;
- grupo de construção da **plateia** – a quem competia a função de construção e circulação desse objeto, “o elemento andante do espetáculo”. Essa estrutura, uma casa móvel que seria movida pela comunidade, personificava a ideia de poder existir uma casa-comum que fizesse a união das diferentes residências existentes no Largo. Em cada “quadro/estação” do espetáculo, a plateia, onde o público se poderia sentar, seria deslocada e estrategicamente colocada no novo espaço; e assim de seguida até se chegar ao termo da visita desse Casa-comum que no Largo tinha sido construída;
- grupo responsável pela **comunicação** – a quem cabia a tarefa de realizar os materiais de divulgação, a sua distribuição, tal como a demarcação e sinalética do espaço da representação.

Apesar da especificidade das funções, o primado neste processo teria de ser a partilha de papéis e a interajuda, quer isto dizer que as tarefas dos vários grupos teriam

constantemente de se articular entre si, cabendo aos professores e aos artistas convidados a orientação, o apoio, a avaliação e a supervisão de todo o processo.

Primeiro passo no terreno – o descobrir das casas!

A passagem para a concretização do projeto começou com essa ação, emotiva e íntima, a de entrar e descobrir o universo de cada uma das cinco casas do Largo do Trovador. Apesar de aberto, havia sido previamente criado um guião comum de observação e que ajudaria os alunos no processo de recolha dos dados: coleccionar testemunhos de vidas; formas de habitar e usar aquele espaço; identificar objetos específicos e conhecer as suas histórias; definir o universo estético da casa que observavam...

Para além de tudo o mais, nesse primeiro encontro foram criados laços entre alunos e aquela população de Couros e que ao longo do processo se foram, de uma forma ou de outra, estreitando e aprofundando.

O material recolhido teria em seguida de ser tratado, partilhado, discutido até se chegar aos elementos de síntese que serviriam de mote dramaturgico do projeto.



Imagem 6 Exemplos de espaços e objetos observados

O avançar do processo

Pouco a pouco as diferentes dimensões do projeto começaram a tomar forma. Durante 15 dias, o tempo condensado que se concedeu para a realização concreta do trabalho, a circulação entre os dois pólos e o Largo do Trovador foram constantes; enquanto no Instituto de Design, transformado num verdadeiro estaleiro, se desmontavam, se transformavam e se reconstruíam os objetos, no pólo de Teatro os ensaios aconteciam por todos os lados. O grupo de comunicação, ao cruzar a informação que circulava, criava o conceito e os materiais para a divulgação: uma janela era o símbolo da fronteira entre o interior e o exterior da casa e as chaves para distribuir pela cidade, símbolo de partilha da propriedade, serviam para anunciar o espetáculo. A plataforma de informação digital que então se criou foi uma ferramenta útil para dar a conhecer a todos o que a cada momento estava a acontecer. Nos ensaios no Largo do Trovador o encontro entre alunos e moradores acontecia espontaneamente. Como era comovente ver a D. Maria à sua janela passar a tarde a observar o grupo de alunas que à sua porta reinventavam a sua cama, o seu quarto! O diálogo surgia e até a D. Maria da sua janela opinava!



Imagem 7 Planeamento e construção e montagem de objetos cenográficos.

Apresentação final – o momento de partilha com os moradores

Por fim, em ambiente de festa, orientados por uma plateia andante e pela música tocada pelos alunos da academia, o espetáculo veio ao largo, mais ou menos em frente de cada uma das casas que participaram no exercício. Foi reconfortante ver, pelo sorriso rasgado com que reagiam a algumas das cenas, como os habitantes de Couros que participaram neste projeto se reconhecerem no que foi feito.



Imagem 8. Momentos da apresentação do espetáculo no largo do trovador.

Para concluir

EmCaixa inscreve-se nas correntes contemporâneas de trabalho de inovação experimental onde o exercício transdisciplinar encontra no cruzamento das várias áreas o contributo para a construção de um trabalho plural (Carlson, M. 2004).

EmCaixa manifestou-se como abordagem de aproximação entre dois cursos (teatro e design), como plataforma de encontro de pessoas de realidades distintas mas que habitam o mesmo local (alunos e população local), como espaço de cruzamento entre diferentes intervenientes (artistas, estudantes Erasmus, autarquia, indústria) e que se construiu a partir do contributo individual de cada um.

Para por um fim; *EmCaixa* surge como contributo para uma sociedade participativa, que se revê na construção de um modelo político de envolvimento da sociedade. Neste projeto de cidadania o ensino que se partilha nas universidades terá de contribuir e participar. Foram estes os valores que se procuraram desenvolver junto dos alunos implicados!

BIBLIOGRAFIA

Carlson, Marvin. 2004. Performance: a critical introduction. 2.ed. Nova York: Routledge, 2004.

Castro, R. V. de, Gonçalves, A., Machado, J. M., Ribeiro, R., Carballo-Cruz, F., Cerejeira, J., Sousa, P. 2013. Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura: impactos económicos e sociais (relatório final). Braga

Goldberg, Rose Lee. 1988. Performance Art: From Futurism to the Present. Revised and enlarged edition. London, England: Thames and Hudson

MANZINI, E., 2014. Making Things Happen: Social Innovation and Design. Design Issues, Volume 30, No. 1, Pages 57-66

Margolin, V., 2002. The Politics of the Artificial: Essays on Design and Design Studies. University of Chicago Press.

Nascimento, Ivo de Castro. 2014. As operações SAAL e os novos percursos da arquitetura portuguesa: o bairro dos "Índios da Meia-Praia", Lisboa, Universidade Lusíada, Tese de Mestrado

Nunes, João (Produtor), & Ribeiro, Conceição (Realizador). 2012. Perdidos e Achados - Índios da Meia-Praia [Filme].

Papanek, V. J., 1984. Design for the real world: Human ecology and social change. New York: Van Nostrand Reinhold Co.

Praça, H., 2012. *Uma experiencia singular. Couros. CampUrbis. Envolvimento da população local*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães

Providência, B., 2016. DIS2E design para a inovação social: uma experiência de ensino aprendizagem. In CIMODE 2016-3º Congresso Internacional de Moda e Design (pp. 3201-3208). Escola de Engenharia Universidade do Minho Guimarães.

Isto é uma praça (26 de Junho de 2012), Public Design Festival Newsletter. Disponível em: <http://www.publicdesignfestival.org/portal/newsletter/120626.htm>. Acesso em 11/09/2016.

Agradecimentos

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto:

CEHUM, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528.